

Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

Revista Trimestral

LISBOA

Director

N.º 17

O Inspector das Bibliotecas, Museus e Arquivo
Histórico Municipais — Joaquim Leitão

Julho

1935

a Setembro



COLABORADORES

A. VIEIRA DA SILVA, AFONSO DE DORNELAS,
AGOSTINHO DE CAMPOS, ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO,
ANTÓNIO BAÍÃO, Dr. ANTÓNIO RODRIGUES CAVALHEIRO,
ARTUR DA MOTA ALVES, COSTA VEIGA,
FIDELINO DE FIGUEIREDO, GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA,
HENRIQUE CAMPOS FERREIRA LIMA,
JOÃO DA SILVA CORREIA, JUAN TENA FERNANDEZ,
JÚLIO DANTAS, JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS, LARANJO COELHO,
LUÍS DE FREITAS BRANCO, LUÍS DA CUNHA GONÇALVES,
LUÍS DE MACEDO, Prof. MOSÉS BENSABAT AMZALAK,
QUIRINO DA FONSECA, Dr. REINALDO DOS SANTOS,
SAMPAYO RIBEIRO, Dr. SEMTOB DREIBLATT SEQUERRA,
JOAQUIM LEITÃO, ETC., ETC.

Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

ANO V

LISBOA — JULHO A SETEMBRO DE 1935

N.º 17

O precioso arreiço, feito em Gôa no Século XVI, para D. Sebastião

Quando há tempos relia o trabalho D. SEBASTIÃO do illustre escritor Antero de Figueiredo, uma das suas passagens (pág. 118), avivou-me a lembrança dum curioso documento que encontrei num velho códice português, actualmente existente na secção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e que, juntamente com tantos outros, para aqui veio com D. João VI, em 1807.

Já tive ensejo, em 12 de Outubro de 1932, numa comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, por intermédio do illustre académico e meu querido amigo Sr. Afonso de Dornelas, de me referir largamente a êsse códice, quando dei a conhecer um curioso documento nêle existente, com referências pormenorizadas aos painéis chamados de S. Vicente, actualmente no Museu de Arte Antiga de Lisboa, e que

presumo tivesse sido escrito no último quartel do século XVI, princípio do XVII e pela mesma mão que escreveu o que agora vou dar a conhecer aos estudiosos do nosso passado.

Êsse velho códice com o título VÁRIOS PAPÉIS DE PORTUGAL, que modernamente lhe foi posto quando da encadernação, tem a catalogação 1-14-2-30 da secção de manuscritos e constitue uma miscelanea, onde um curioso anónimo, a-par de cópias de vários documentos, cartas de soberanos, alvarás, etc., reuniu também algumas nótulas sôbre certos acontecimentos e factos históricos — *lembranças de diversas cousas* — como êle lhes chama.

Pelo *ex-libris* da REAL BIBLIOTECA, aposto no verso da primeira e última fôlha, reconhece-se ter êle pertencido à Real Biblioteca da Ajuda ou da Casa do Infantado, e é um

dos muitos códices para aqui vindos dentro da bagagem de D. João VI. Compõe-se de duzentas e cinquenta e três folhas de papel almasso branco, sem linhas, com diversas marcas de água, sendo uma datada de 1614, medindo actualmente cada folha, vinte e sete centímetros de altura por vinte centímetros de largura, devendo ter sofrido um ligeiro corte quando modernamente foi encadernado.

Nenhuma data apresenta que nos possa fixar a época em que foi organizado, mas a marca de água datada e cujo desenho em decalque apresento, permite-nos pensar que sendo os documentos na sua maioria escritos com o mesmo tipo de letra, não erraremos fixando lhe este ano como o da sua organização ou da cópia do documento, que vamos estudar, cópia de uma carta vinda da Índia cerca de 1568 e na qual se descreve, peça por peça, o precioso arreio feito em Goa para o infortunado D. Sebastião.

Foi, como já referi, o illustre escritor Antero de Figueiredo descrevendo-nos que a *sela do seu soberbo cavalo tinha o assento de ouro e o debrum do arção bordado de diamantes, pérolas e robis*, me



levou a pensar que o documento que encontrei, é a descrição do precioso arreio de D. Sebastião, que em 1571, causou admiração ao Cardeal Alexandrino, enviado do Papa Pio V, quando nesse ano visitou Portugal.

Manuel Bernardes Branco, na sua obra PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS, refere-se a este facto a pág. 292, do II volume, informação esta que mereceu ao imortal Camilo uma anotação, informando-nos de que tal preciosidade tinha sido roubada em 1589, depois da batalha de Alcântara e que indo à posse dos Felipes, estes a mandaram vender em Florença. Acrescenta Camilo que os novecentos mil escudos que Venturino dizia valer essa *sella de diversas peças com os demais arreios, feita na Índia*, valiam então, tresentos e sessenta contos de réis.

A descrição das peças, o seu peso de ouro, a quantidade de pedras preciosas que nelas se achavam engastadas, dá-nos uma idéia não só do seu valor, mas também do deslumbramento que nos deveria causar.

Em que ano teria sido escrita a referida carta?

Apesar de nenhuma data nos apresentar, podemos talvez fixá-la aproximadamente, pelas referências nela contidas.

Diz a carta que era Viso-Rei da Índia D. Antão de Noronha, cujo governo terminou em 1568, sendo substituído por D. Luís de Ataíde.

Era tesoureiro das rendas em Gôa, Miguel de Hollanda, irmão do nosso grande artista Francisco de Hollanda, em 1542 nomeado para o referido cargo e embora não fôsse occupá-lo desde logo, sabemos pelos documentos que Sousa Viterbo nos deixou no seu Dicionário dos Arquetetos (vol. II, pág. 10), que em 1559 êle exercia em Gôa o referido cargo e que só em 1582, lhe fôra feita a mercê dum outro cargo — a capitania de Manora, declarando-se na carta de nomeação para êste cargo, que êle *nas partes da India tem feytos por espaço de mais de doze anos.*

Referindo-se a carta ao Viso-Rei D. Antão de Noronha, temos de fixá-la até ao ano de 1568, tanto mais que já em 1571, o arreo estava em Lisboa, onde foi visto e admirado pelo Cardeal Alexandrino.

Após estas ligeiras notas sôbre o documento, era entregue ao estudo dos investigadores históricos, passo a transcrevê-lo na sua íntegra, mantendo a ortografia própria, visto que as reproduções fotográficas que apresento, são apenas da primeira e última fôlha, isto é, de fls. 64 e 66, do referido códice.

Rio de Janeiro — S. João de 1935.

ARTUR DA MOTTA ALVES.

Do Instituto de Coimbra.
Do Instituto Português de Heráldica.
Do Instituto Histórico do Minho.

CARTA DA INDIA SOBRE O A REYO DELREY DON SEBASTIÃ Õ DS TEM-

(a) — Se he vive como diz q.
Deos tem deve ser na terra
p^a. e bem q. se espera.

Frs^{co}. de sá capitão mor da Armada q̄ este año vej do reyño q n. sr. trouxe a saluam^{to}. leua o arreo d'ouro e pedraria q̄ se ca fez p^a. elrrey noso Sôr. q̄ o Sôr Visorey Don Antã de N^{ra}. lhe mandou entregar, por S. A. lhe escreuer q̄ lhe mandase por elle, o q^l. lhe entregou Mig^l. d'olanda t^{zo}. do d. s. nesta cidade de goa, sobre que he carreg^{do}. em Rp^{ia}. pr. esta m^a. —

— hũa sella bastarda de ouro e pedraria q. tẽ dez peças cada hũa por si p^a. se armar sobre seu vazo, cinco dellas no arção diantr^o., cõ seus concẽtros/q. 5 no traz^{ro}. q̄ pezarã todas juntam^{te}. cõ ouro & pedraria 17 marcos 4 onças 4 oitauas e m^a. — / — as 5 peças do Arção diantr^o. 9 marcos 3 oitauas e m^a. e as 5 do arção traz^{ro}. 8 marcos, 4 onças, hũa oitaua, e todas leuão esta pedraria cada hũa per si cõ seu pezo.

A peça grande do m^o. do arção diantr^o. peza 3 marcos, 3 onças, 3 oitauas, leua 3 diamãtes grandes 5 mais piquenos hũa çafira tauem grande, 4 robis grandes, 14 smeraldas grandes todas estas peças estã por nasquis (?) da d. peça e a mais pedraria de diamães, robis smeraldas, meãos pequenas e maiores.

a Peça da jlharga da p^{te}. dr^{ta}. q. a de jr junto cõ a peça do m^o., pezou

hũ marco hũa onça 6 oitauas 3 quartos e leua hũ diamãe grande no m^o., c. dous robis grandes por olho, c. outra pedraria de diamães, robis, 3 smeraldas m. p. e maiores.

A peça do cabodad. p. parted. dr^{ta}. q. he o encôtro do arção da dita sella pezou hũ marco 4 onças 4 oitauas e leua hũ robi grande no m^o. e outra pedraria.

quando se diz outra pedraria sempre se hade entender mēa grande e peq^{na}. de diamães, robis, smeraldas.

A peça da parte esquerda q. ade jr jũto da d. peça do arção do m^o. pezou hũ marco duas onças hũa oytaua leua hũ diamão grande no m^o., dous robis grandes por olhos e mais outra pedraria.

A peça do rabo da p^{te}., esquerda q. he outro encôtro pezou hũ m^{co}. 4 onças 4 oitauas e tres q^{as}. leua hũ robi grande no m^o. & outra pedraria.

Peças do arção traz^o.

A peça do m^o. do d. arção traz^o. pezou 2 marcos 2 onças 6 oitauas leua hũa çafira m^o. grande q. tē de pezo 5 pardaes douro e hũ qt^o. e hũa spinela m^o. grande e dous diamães grandes cõ hũ robi grande junto cõ ela e mais ii robis grandes e hũa smeralda grande em todo o cima & outra pedraria.

A peça da parte dirt^a. do d. arção trazeiro q. ade jr junto da peça do

m^o. pezou hũ marco 5 onças hũa oitaua e leua hũ naique ẽ cruz cõ 5 diamães grandes & outra pedraria.

A peça do cabo do dito arção q. ade jr a baixo desta da p^{te} dr^{ta}. pezou hũ marco tres onças 2 oitauas e leua hũ robi grande no m^o. e hũ smeralda grande & outra pedraria.

A peça da p^{te}. esquerda do d. arção traz^o q̄ ade jr junto da d. peça do m^o. pezou 1 marco 6 onças e leua hũ diamão m^o. grande no m^o. & outra pedraria.

a outra peça da d. p^{te}. esquerda do d. arção q̄ ade jr abaixo desta 1 marco 3 onças e leua hũ robi grande no m^o e hũa smeralda grande & outra pedraria.

Outras peças

— Uns fruitinhos a man^{ra}. de rosinhas d'ouro e pedraria p^a. guarnição das Roupas da d. cela q. cada hũa dellas leua 3 diamães & hũ robi pequeno no m^o. & pezão todos juntam^{te}. cõ ouro & pedraria tres onças e m^a.

— duas caixas de lacre forradas d'ouro q. se fizerã p^a. guarda das 2 peças do m^o. hua do arção diantr^o. outra do arção traz^o. q. sã os tampãos de cima forrados de ouro q. vẽ sobre a pedraria das d. peças que leuã de ouro 25 pardaes.

— 22 perafusos d'ouro cõ q. se ficha as d. peças no xazo da sella.

— hũa peça de testeira do cauallo q. peza 55 pardaes d'ouro cõ sua pedraria contē hũa çafira grande no m^o. & outra pedraria.

+ 22 frutinhos ~~za~~ a guarnição da testeira do canal e
3 pedras e 8 pedras douras, e muita pedrasia -

4 duas biquizas da testeira do canal, e pe^zo
30. pedras douras, e Leua rubis e diamantes
grandes e pequenos e cada um seu rubi maior nome -

+ 249 alicates em peças e suas tranças ~~za~~ as 6,
queiras e azoos das tranças, e 20 biquizas
e intizas e pezarão todas as d. peças e a pedrasia
1111 pedras douras, e oito frutis e Leua rubis
e diamantes -

e o Larroo pelas d. peças Leua o h. f. de si ~~za~~
as entregar a quem o rei noso Sr. mandar, e haigou
a seu do 2.º, au d. h. e se obriga a ~~za~~ mandar
la la do em forma de official a go as entregar
~~za~~ sua conta

— Hũ e práo da anca do cauallo q. peza 161 pardaes d'ouro q. tẽ hũ robi grande no mº. & dous diamãos grandes junto cõ elle, & hũ diamão, & 4 smeraldas meãs, & outra pedraria, & hũ roda de diamãos a lauradas.

— 2 argollas das cabeçadas q. pezarã 96 pardaes douro & leua duas smeraldas grandes no mº. cada hũa sua & outra pedraria.

— 2 peças das ilhargas de cauallo q. pezarã 151 pardaes douro, & leuão duas smeraldas das grandes cada hũa sua no mº. & outra pedraria.

— hũa peça do peito do cauallo que peza 65 pardaes & mº. douro, & leua hũ robi mº grande no meio & outra pedraria.

— dous sostim^{tos} das cabeça. das do cauallo q. pezarã 159 pardaes douro & leuã duas çafiras grandes no mº. cada hũa sua & outra pedraria.

— hũa medalha do nariz do cauallo q. peza 26 pardaes & mº. douro & leua hũa smeralda & hũ robi grande no mº. & outra pedraria.

— duas sribra^s de bastarda q. pezarã 559 pardaes & mº. douro, & leuã 6 diamães grandes nos noos cada hũ tres & dous diamãtes mais no asento dos pés cada hu seu dia^{te}. pequeno & outra pedraria.

— dous copos de brida q. pezarã 112 pardaes e mº, & leuã diamantes no mº. grandes cada copo seu & outra pedraria.

— duas esporas de bastarda q. pezarã 84 pardaes e mº douro & outra pedraria.

— 22 fruitinhos para a guarnição da testeira do cauallo q. pezarã 18 pardaes douro & outra pedraria.

— duas biqueiras da testeira do cauallo, q. pezarã 39 pardaes douro, & leuã robis & diamantes grandes e piquenos & cada hũ seu robi maior no mº.

— 249 acicates em peças cõ suas traucças p^a. as biqueiras & arreos das retrancas, & 25 biq.^{ras} & conteinhas q. pezarã todas as d. peças cõ a pedraria 1114 pardaes douro, & oito fanõis (?) q. leuã robis & diamantes.

O q^l arreo pellas d. peças leua o d. fr^{co} de Sá, p^a. as entregar a quẽ elrrey noso Sñor mandar & deixou ca seu ctº razo, ao d. tztº. q. se obriga a lhe mandar de lá ctº. em forma do oficial a q̄. o asi entregar p^a. sua conta. —

(a) — Estes diseres foram escritos posteriormente e por outra pessoa, visto o tipo de caligrafia ser diferente como se vê pela reprodução junta. Era ainda o sonho do Encoberto!

Ramalho Ortigão

Conferência proferida em 8 de Agosto de 1935 pelo illustre crítico de arte Ex.^{mo} Sr. Dr. Reinaldo dos Santos, na cerimónia do descerramento da lápide que a Câmara Municipal de Lisboa apôz no prédio em que viveu e morreu Ramalho Ortigão, à Rua dos Caetanos

Represento neste acto a Academia Nacional das Belas Artes á qual Ramalho deu outróra a honra de pertencer.

Devo primeiro uma explicação a V.^{as} Ex.^{as}, resposta a uma pergunta que eu adivincho impaciente, senão nos lábios, pelo menos na mente da maior parte dos presentes e talvez ainda mais na dos ausentes... Porque me encontro eu aqui? É certo que nada particularmente me indicava para esta honra. Não pertenço à geração de Ramalho — digo-o sem *coqueterie*; nem sou homem de letras — digo-o sem falsa modéstia —.

Não tive a honra de gozar sequer o prazer invejável do seu convívio e da sua amizade. Apenas lhe falei uma vez!

Outros poderiam pois ter trazido, hoje aqui, com mais autoridade uma evocação mais pessoal e mais viva,

dessa varonil figura de homem, que irradiava uma tão bela e nobre simpatia. Não quero insistir na parte de responsabilidade, que da minha presença inesperada aqui, cabe á Câmara. Seria corresponder a uma gentileza, com uma impertinência, tanto mais que me cabe íntegra essa responsabilidade: a de ter aceite. Porquê? Pura e simplesmente por dever cívico. A dívida que o País contraiu com Ramalho está longe de estar saldada; e pela minha parte, desde que numa iniciativa desta natureza se apela para a minha colaboração, não me sinto no direito de a recusar, embora preferisse que outro o fizesse, seguro de que o faria melhor.

Mas aceite o encargo, ocorre-me agora esta consideração:

Serão na realidade os contemporâneos de um artista os mais idóneos para falarem da sua arte? Para

a julgarem? O homem, certamente. A arte, creio que não.

A crítica exige uma perspectiva de tempo e uma libertação do péso morto das recordações pessoais e dos prestígios ocasionais, que só as gerações seguintes alcançam.

A realidade intrínseca dos artistas, como dizia ainda recentemente Unamuno, «mais que no que disseram, está no que sonharam», e o que os contemporâneos nos contam nem sempre nos deixa adivinhar êsse sonho, tantas vezes em contradição com as aparências da vida. Temos mais probabilidades de surpreender o pensamento íntimo dos artistas, através da confissão dos seus escritos e da sensibilidade da sua obra, que dos depoimentos dos seus amigos, sobrecarregados de anedoctas e pitoresco, tropeçando nos episódios da sua vida exterior.

De resto, neste caso, a personalidade do artista é sem mistério. Tudo é claro, forte e são em Ramalho. O desempenho clássico da sua figura, os seus hábitos simples, o seu carácter de uma dignidade tão alta e tão nobre, os suas idéias amplas, a sua ironia tão cheia de graça e despida de maldade, a sua prosa única, fluente, luminosa, turgida e solene, talvez a mais bela prosa da língua portuguesa.

Assim na vida como na arte, a figura de Ramalho é de uma coherente harmonia e transparência maravilhosas.

Basta lê-lo para o conhecer, e nunca mais o esquecer, e nunca mais deixar de o amar.

Se há alguma correcção a fazer na imagem do Ramalho lendário, espectacular e decorativo, êle próprio que se considerava um ouriço cacheiro, se encarregará de o fazer nas «Farpas».

Assim escrevia:

«Eu, apesar de robusto, sou um emparedado, um solitario, um bicho de toca. Bem sei que não é essa a reputação que teem tido a bondade de me fazer os meus criticos e os meus biographos, mas a verdade é que eu estou infinitamente abaixo da minha reputação.

O homem *espectaculoso* que escreve estas linhas vae ao theatro em termo médio seis vezes por anno; nunca em sua vida teve em Lisboa uma d'essas festas de mocidade a que chamam genericamente uma *ceia de rapazes*; e ha muitos annos que elle circumscreveu todos os prazeres da sua existencia habitual nas convivencias da amizade e no gôso modesto de ennegrecer algumas tiras de papel, encerrado no seu quarto, entre os seus livros, com um canario á janella e alguns vasos de flôres no telhado subjacente.»

Uma conjunctura feliz permite-me enfim completar a evocação da personalidade de Ramalho, antes de encarecer por alguns momentos a sua obra, lendo o que propositadamente escreveu um dos nossos mais

ilustres homens de letras e que foi, ao mesmo tempo, um grande amigo de Ramalho: o poeta Alberto de Oliveira.

Essa carta que me envia de Roma, diz julgar ser um dos poucos amigos vivos que ainda restam do grande homem e ter contraído com êle uma longa dívida de gratidão. Logo veremos qual foi. Por isso me manda um resumo do que pensa e sente sobre «a figura dêste homem de bem que tinha na sua alma a mesma elegância e beleza da sua terra».

«Em Ramalho Ortigão nem a idade, nem a agudeza da intelligencia e da observação, nem qualquer desilusões ou decepções inseparaveis de qualquer vida, nem o ambiente de consagração e gloria que por tantos anos o envolveu, toldaram nem de leve a transparencia cristalina do seu espirito ou do seu character. Esse ancião de 84 anos tinha, não só a destreza e a elasticidade fisica, mas tambem a frescura, a ternura, ia a dizer a candura, de um rapaz: candura feita de ciencia e experiencia e não de inconsciencia ou ignorancia, candura que era o reflexo exterior da bondade que lhe embalsamava o coração.

Grande entre os grandes escritores portuguezes, pena de fascinante brilho e poder communicativo ao serviço do mais fervoroso e insaciavel amor da sua terra, tambem não lhe faltou, para lhe completar excepcionalmente a figura, essa rectidão moral, esse desprendimento, essa virtude que nem sempre andam associadas aos dotes brilhantes dos homens de letras.

A modesta casa dos Caetanos teve o privilegio de alojar durante anos dois grandes escritores da mesma geração gloriosa: Oliveira Martins e Ramalho. Mas na sua alcandorada agaa-fartada, humilde e sin-

gela, convertida pela mão magica do artista que a habitou em ninho de beleza, de requinte e de cultura, deslisou serenamente metade da vida doce e desambiciosa do actor das «Farpas», que não quiz nunca viver senão da sua pena, e dela fez laboriosa enxada, sem que nem por isso os seus nobres produtos sacrificassem a arte e a perfeição, que sempre visavam as mais rasteiras vantagens, ou menos para as solicitações, quer do escritor quer do seu publico».

(a) ALBERTO DE OLIVEIRA.

Um rápido relance agora sobre a obra:

Se basta a prosa do «John Bull» e sobre tudo da «Holanda» para que estes livros, de grande successo, no seu tempo, se leiam ainda hoje com delicia, o facto é que a obra essencial do grande escritor, são «As Farpas». Obra de jornalista, de critico e de viajante, em que ha de tudo, desde a descrição das terras e dos seus costumes, até à evocação de alguns dos homens mais notáveis da época; critica da sociedade, da politica, da literatura e da arte, obra de pedagogo e economista, humorista e estilista, as «Farpas» são o grande film histórico e pitoresco da sua época, monumento levantado por Ramalho, com uma independência de espirito rara entre nós, á análise de uma sociedade que êle julga, em geral sem indulgência, nos seus múltiplos aspectos: politicos, sociais, literários e artisticos, sem falar nos «faits divers» a que

as circunstâncias ou as pessoas deram categoria de acontecimento de nota.

Como em tôda a obra crítica em que domina, arma que êle manejou superiormente, a ironia e a caricatura, pode nem sempre ter havido justiça; mas julgou sempre com probidade e a mais alta dignidade de homem e de escritor.

Não é este agora o logar, e está sobre tudo fóra da minha competência, analisar as «Farpas» nos múltiplos aspectos do seu valor crítico e doutrinal, bem como as influências, aliás incontestáveis, que produziu sôbre a sociedade do seu tempo, e até as mais longínquas e mais contestáveis que teve sôbre a política. A obra dos homens como Ramalho e Rafael Bordalo, nunca poderia ter uma influência essencial sôbre a evolução das ideias políticas, nem mesmo como preparação de ambiente. A política é a paixão — e o humorismo não desencadeia paixões. De resto, por serem as «Farpas» a obra essencial de Ramalho, é sôbre ela que mais se tem eserito — desde Eça de Queiroz, seu colaborador de início, até Ricardo Jorge que numa plaquete que é ao mesmo tempo um quadro cheio de sabor da sociedade do Pôrto no tempo em que Ramalho foi seu professor de francês, deixa um testemunho curioso do meio até onde a penetração das «Farpas» se infiltrara.

Na 2.^a edição sistematisada das «Farpas», merecem especial refe-

rência os volumes das praias, dos individuos, das cartas, dentre cuja colecção, a que dirigiu ao Príncipe D. Carlos, ficou sempre como um modelo de fantasia e humorismo, envolvendo conceitos educativos do maior bom senso.

São clássicas as suas descrições da vida provincial «os campos, as praias, os monumentos», páginas que se hão-de sempre relêr e considerar como das mais helas evocações da paisagem e dos costumes do Norte e da Extremadura portuguesas.

Talvez mais esquecidos, e injustamente, os perfis de alguns homens notáveis da sua época — Herculano, o Duque de Saldanha, Inocêncio, Castilho, Sá da Bandeira, o Conde de Rezende, Jerónimo Colaço, Anselmo Bramcamp, Fontes, Garrett, Sampaio, o Bispo de Viseu, Rafael Bordalo e os reis D. Fernando e D. Luís. A carta ainda recentemente recordada por Jorge Cid em que conta como foi vendo desenhar Rafael Bordalo que aprendeu a escrever, é um belo complemento ao que já escrevera nas «Farpas» sôbre a sua colaboração com Bordalo. Foi ainda nas «Farpas» que Ramalho criticou o azedume e a retirada de Herculano, censura que exprime um juízo, talvez pouco generoso para um homem cuja alma se deixara invadir de desânimo, mas justificável sob o ponto de vista da moral e do interesse da comunidade.

Para Ramalho, crítico e moralista, Herculano deu um mau exemplo quando, ainda válido, se recusou a continuar a obra que o «destino» lhe confiara. Quando os homens dão tudo à terra em que nasceram, e a terra, como tantas vezes tem sucedido em Portugal, os ignora na vida e os esquece na morte, é certo que é a terra que dá o mau exemplo.

Mas faz parte da nobreza e do estoicismo dos altos espiritos, submeterem-se para além do estímulo, da gratidão e da justiça, aos imperativos do dever espiritual e cívico, sem desertar.

Foi essa deserção que Ramalho condenou em Herculano, um pouco fóra da piedade humana talvez, mas dentro da moral colectiva. Dado o prestígio enorme de Herculano, aureolado pelo exílio voluntário, essa página austera de Ramalho, é a meu vêr, um acto de coragem moral e elevação crítica, a emparelhar com a independência com que mais tarde, em plena paixão republicana, havia de prestar corajosa homenagem à memória do rei D. Carlos, de quem fora amigo e a quem, trinta anos antes, escrevera aquela carta humorística a que já nos referimos.

Que me seja permitido antes destacar na obra de Ramalho aquela parte a que, até hoje, se não tem dado toda a importância que merece e que todavia é das que mais alto atestam o seu amôr, não só à arte em geral, mas à arte portuguesa em especial, e a sua larga visão crítica

de problemas até então julgados com insuficiência de informação, estreiteza de critério e incompreensão da forte e espontânea originalidade da arte nacional.

Já nas páginas das «Farpas», Ramalho tratara vários aspectos de estética e crítica da arte contemporânea, destacando-se entre outras as que dedicara aos paizagistas franceses e á escola de Barbuizon, e àcerca dos nossos, uma bela página de Soares dos Reis.

Na «Holanda» o que escreveu sobre os pintores do século xvii, não é destituído de interesse, embora o que ali se revele seja sobretudo o admirável poder expressivo do seu verbo, tão evocativo e tão plástico como o de um Teófilo Gauthier ou de um Mauclair. Ramalho foi entre nós um mestre suprémo na arte de transpôr, por sortilégios de locução, as formas e as côres dum quadro na plástica, no ritmo, na sonoridade e na côr duma frase.

Mas neste capítulo a sua obra prima, não é apenas de literatura e prosa, mas de história, documentação preciosa e crítica, é o «Culto da Arte em Portugal» que deveria ser o evangelho de todos que realmente amam a arte deste país, e desejam iniciar-se na sua compreensão e originalidade expressiva, arte cujas riquezas Ramalho conheceu de ponta a ponta do país, percorrendo em todos os sentidos, de todas as maneiras — «em caminho de ferro, em deligência, embarcado, a cavalo

e a pé — «como êle havia de dizer algures, e cuja forte originalidade amou com transporte quási religioso em tódos as suas manifestações, desde as mais humildes da arte popular e regional, até ás formas mais transcendentales do simbolismo architectónico que pela primeirâ vez explicou e interpretou no sentido profundo — e em prosa de oiro.

«O Culto da Arte em Portugal» é o mais belo ensaio que se escreveu sôbre o panorama da arte nacional, atravez das suas vicissitudes e grandezas, obra dum precursor e dum artista, rematando por um hino de apoteóse.

No «Culto de Arte» há páginas inolvidáveis de paisagem, como aquella em que a propósito da Torre das Cabaças de Santarém, toda a campina do Ribatejo surge na imensa vastidão das águas, vinhas e olivedos, com os seus campinos a cavallo e o som festivo dos chocalhos.

Vale a pena recorda-lo:

«Não será talvez o mais monumental, o mais nobre, o mais rico, mas é de certo o mais suggestivo, o mais anedoctico, o mais interessante, o mais carinhoso, o mais familiar, o mais lindo campanario de toda essa formosa campina ribatejana, o mais aberto sorriso agrario da terra portugueza. Tudo envolve de penetrante poesia local essa velha torre. O seu mesmo nome de «relogio das cabaças» ou de «cabaço» se allia harmonicamente no

ouvido á lembrança das lezirias, das hortas, dos paues, das courellas e dos olivedos, que circundam, e fazem d'elle como que uma parte integrante da paizagem, um natural rebento da terra. O aspecto de improvisação e de interinidade d'essa summaria ventana de sino, que parece armada em quatro pampilhos, é uma verdadeira obra d'arte, que lembra mais commoventemente do que nenhuma outra inventada pelos architectos, a origem arabe, a vida nómada, a tradição pastoral da região em que surgiu.

Os conspicuos burguezes do senado de Santarem não podem ter opinião sobre esta questão de esthetica, porque elles carecem absolutamente do ponto de vista em que deve ser considerada a sua Torre das Cabaças, a qual evidentemente se não construiu para suas excellencias a alveitassem doutoralmente de dentro dos paços de concelho, cu cá fora na praça, de chapéus altos, sobrecasacas dominicaes e barbas feitas, abordados a seus chapéus de sol, e muito mais garantidamente cucurbitaceos que o seu proprio cabaceiro.

A Torre das Cabaças fez-se para ser olhada do vasto campo da Golegã ou do campo de Almeirim, vindo de Coruche, de Benavente, ou da Barquinha, atravez dos olivae, das terras de sêmeadura e das eiras do termo de Santarem, de jaqueta e sapatos de prateleira, montando uma egua de maioral, de ca-

beçada de esparto, almatrixa de pelles e estribos chapeados. O cabaço de Santarem, com a sua cupula em trempe, as suas cabaças de barro e o seu sino grande de correr e de governar as horas, fez-se para o largo e ridente campo ribatejano, fez-se para campinos, para os vaqueiros, para os almocreves, e talvez se fizesse também para mim, que não vejo em arte razão alguma plausível para que, como motivo ornamental de uma torre, á folha do acantho ou ao chavelho em vóluto da architectura grega se não prefira a nossa linda pucarinha de barro vermelho de Reguengo, da Atalaia ou da Asseiceira».

A ironia com que nos conta a tragédia burlesca dos nossos monumentos, vítimas da insensibilidade e da incultura artística da época, não são apenas modélos de humorismo e graça, são por vezes documentos essenciaes para a história da arqueologia portuguesa, e que sem a crónica de Ramalho, se teriam perdido.

E' neste livro de 1896, que Ramalho conta que no dia 19 de Julho de 1895, isto é, ha precisamente quarenta anos, viu com Joaquim de Vasconcelos e J. Queiroz, pela primeira vez, os painéis de S. Vicente. Essa visita e o artigo que logo dias depois J. de V. havia de escrever, marcam o início da história crítica das famosas pinturas que José de Figueiredo havia de integrar emfim e definitivamente, na história dos

primitivos portugueses, identificando-as como de Nuno Gonçalves.

O livro de Ramalho, evocação da variedade admirável dos aspectos da nossa arte, popular, original e culta, artes maiores e artes decorativas, olaria e toreutica, bordados, tecidos, etc., sugere, também, um plano e projecto do inventário artístico, que ainda hoje teria actualidade, se pela primeira vez traz para o público o conhecimento, então só limitado a um pequeno núcleo de eruditos, das influências políticas e económicas das nossas relações com a Flandres, reveladas pelo Sr. Joaquim de Vasconcelos e da necessidade de estudar mais perto a arte espanhola e flamenga, pelas suas íntimas afinidades com a nossa.

Se Ramalho Ortigão não possui a documentação, nem representou o papel renovador na história erudita que coube ao Sr. Joaquim de Vasconcelos, Ramalho Ortigão olhou com tal carinho, sentiu com tal entusiasmo e amor as originalidades da arte portuguesa, que muitas vezes, justo prémio dos que amam, ela se lhe entregou e revelou o sentido misterioso e íntimo do seu simbolismo.

Refiro-me em especial ao juizo de Ramalho sobre a arte manuelina que merece ser focado. Hoje que a autoria e genese de alguns dos seus monumentos essenciaes, parecem estar definitivamente esclarecidos; que a Torre de Belém como a janela de Tomar, deixaram de ter as atri-

buições fantasiosas, que davam uma a Garcia de Resende e a outra ao espanhol João de Castilho, é consolador ler as páginas de Ramalho, numa época em que as originalidades do manuelino eram precisamente contestadas pelo mestre Sr. Joaquim de Vasconcelos, cujo prestígio, aliás justo, era enorme e que Ramalho tanto respeitava.

Assim escreveu:

«Outro curioso symptoma da nossa desaffeição dos estudos da arte nacional é a estagnação das velhas idéas preconcebidas na apreciação dos nossos monumentos architectonicos.

.....
Por notavel superstição epidemica, por inercia de espirito, por servilismo intellectual, por pedantismo classico, por costume; por comodidade, por convenção admirativa, ou por qualquer outro motivo, os criticos portuguezes, que mais teem governado a opinião, estabeleceram axiomaticamente, como coisa definitivamente demonstrada e assente, que o unico puro e genuino exemplar de stylo gothico existente em Portugal é o da Batalha. Toda a modificação nas linhas constructivas ou nos motivos ornamentaes d'esse typo passou, por effeito de tal dogma, a qualificar-se de «decadencia». Capellas imperfeitas, decadencia! Claustro dos Jeronymos, «decadencia!» Igreja de Christo e de S. João em Thomar,

decadencia! Santa Cruz e S. Marcos, em Coimbra, decadencia!

Decadencia emfim toda a obra architectonica da época manuelina.

.....
Ora precisamente o stylo manuelino da nossa architectura, com toda a sua effusão escultural, com todo o avassalante symbolismo dos seus motivos ornamentaes, com toda a arbitrariedade dos seus processos, com todas as desproporções e todas as suas assymetrias, não é precisamente senão a contraposição da liberdade creativa dos nossos architectos-escultores á enfatuação idolatrica, á pedantesca preceituação rhetorica, ao esmagador e exhaustivo despotismo das «cinco ordens», com que o neo-classicismo da renascença razoiou todo o talento humano.

.....
Os artistas manuelinos não teriam feito talvez monumentos «correctos», na accessão indigente em que as academias empregam esta palavra, mas fizeram monumentos «expressivos», — o que é melhor.

Porque não são as academias que pautam as proporções e os limites da criação artistica. Tudo o que se pode formular em preceitos cessa de ter valor em arte.

A obra de arte não é um producto de escola: é a livre expressão individual de uma alma, convertida em realidade objectiva, e comunicando aos homens uma vibração nova do sentimento.

.....

O que se convencionou chamar «decadencia» na ultima evolução do stylo gothico em Portugal é a modificação portugueza d'esse stylo, é a sua nacionalisação, é a originalidade local, imposta pelos architectos portuguezes do seculo xvi, a um systema geral de construcção, commum a toda a Europa.

Dirão que não é isso precisamente um novo stylo. (E aqui de alguma maneira respondia às criticas de J. de V.

Certamente que não, se unicamente chamarmos stylo novo em architectura á constituição complexa e integral de todo um systema de edificar. Mas, se tomarmos a palavra stylo nessa accepção, nenhum stylo é novo em toda a architectura da idade média e da renascença. Todo o processo constructivo nos veiu inicialmente da Grecia, de Roma, de Bysancio, da Syria, do Egypto. Os mesmos gregos não inventaram a columna, nem os romanos descobriram a abobada.

O que constitue a originalidade na architectura de qualquer povo é, como em Portugal, na época manoeлина, a subordinação de um systema qualquer de geometria architectural ás condições do clima e da paizagem, á natureza dos materiaes empregados, á flora, á fauna, á concepção religiosa, á história, á poesia, ao temperamento e á psychologia dos artistas, em cada região. Quanto mais intensa for a intervenção d'esses factores mais original será a obra.

Assim, na evolução do gothico na architectura portugueza, quanto menos modificado, isto é, quanto mais «puro» fôr o stylo, mais insignificante será o monumento como documentação artistica, como expressão social.

É á «decadencia» do gothico da Batalha que nós devemos o incomparavel claustro dos Jeronymcs, segundo Haupt o «mais bello claustro de todo o mundo», bem como a fachada da igreja de Christo, em Thomar, onde a flammejante janella da sala do capitulo é a obra mais eloquente, mais convicta, mais poetica, mais entusiasticamente patriotica, mais estremecidamente portugueza, que jámais realizou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra».

Que prazer e que orgulho sentiria hoje Ramalho se pudesse saber que a janela de Tomar, obra que elle considerava «mais estremecidamente portuguesa» e que durante anos andou attribuida a um estrangeiro, é afinal, como elle sentira, numa visão de alma mais lúcida que a critica dos eruditos, é afinal dum portuguez, dum Arruda como a Torre de Belém.

A critica da arte, é gosto e é compreensão.

Ramalho teve as duas coisas, e sentiu particularmente as afinidades do seu sentimento com as da arte portuguesa, como se a mesma seiva que fizera desabrochar os capiteis de Celas, ou a janela de Tomar,

fôsse a que lhe floria na alma, quando contemplava e evocava a arte do seu país.

Que me seja perdoada esta análise mais demorada, ainda assim tão incompleta e insuficiente, da obra de Ramalho encarada como crítico de arte. Mas por que está mais na esfera das minhas curiosidades êste aspecto e porque até hoje não fôra ainda suficientemente focado, me parece oportuno prestar à memória que hoje enaltece-mos, esta nova homenagem à independência do espírito e à lucidês divinatória do seu sentimento crítico e artístico na interpretação das obras nacionais.

De resto que me seja ainda permitida uma recordação puramente pessoal a êste respeito. «O Culto da Arte em Portugal» foi o primeiro livro de arte que eu li em português! Guardo-lhe uma ternura e uma gratidão que não recorro sem emoção, e no despertar do meu diletantismo teve certamente um papel tão decisivo, como os livros de Taine em que um dia, Augusto Rocha, na Figueira da Foz, deslumbradamente me iniciou.

Não quero terminar esta rápida evocação, tão sumária que só a memória generosa de Ramalho, me perdoará, sem exprimir um voto.

É que se faça dentre em breve a edição que os seus livros de há muito esgotados, exigem.

Que êste mestre da crítica, da ironia e da prosa portuguesa, esteja

inacessível ao público e à cultura nacional, é esta uma das mais vergonhosas incurias da nossa vida editorial e cultural.

*

* * *

Que lugar cabe a Ramalho dentro da sua geração—e qual o papel dessa geração?

Foi anti-nacionalista?

Se, como já disse, uma geração se julga mal a si própria, a seguinte nem sempre a julga ainda como deve. É assim que a geração de Ramalho tem sido acoimada de cosmopolita, scéptica e demolidora, responsável pela esterilidade da geração seguinte.

É sobretudo a História de Portugal, de Oliveira Martins, que se tem atribuído os maiores malefícios; deduzir-se ia mesmo de algumas palavras de A. de Campos, que, sob êste ponto de vista só que salvou Teófilo Braga. Parece-me que há alguns reparos a fazer antes de dar a Ramalho o lugar e a glória que lhe cabem na evolução do nacionalismo na arte e na literatura portuguesas.

Que Oliveira Martins fôsse um pessimista e um scéptico, isso nada tem com o cosmopolitismo ou nacionalismo da sua obra, mas que a sua História de Portugal, como se tem dito, seja uma das causas essenciaes do pessimismo português, não o creio. Em primeiro lugar êle

foi o introdutor de um largo critério filosófico e económico, na visão da história e essa corrente só podia ser fecunda.

Depois, os pessimistas de uma geração, geram em geral os optimistas da seguinte, por esta lei de opposição que faz que aos românticos se oponham os realistas, como aos clássicos se tinham oposto os românticos, á geração do materialismo scientifico se siga uma de espiritalismo, etc. Foi assim que precisamente á obra, de Oliveira Martins, só em parte laivada de scepticismo (outra parte é ja nacionalista), segue-se a mais bela pleiade de investigadores que renovaram o problema histórico da cosmografia, da náutica e dos descobrimentos do século xv, e com Bensaúde, Luciano Pereira da Silva, Jaime Cortezão, Duarte Leite e outros, deram á genese das navegações e á obra do Infante D. Henrique, um sentido e uma precisão, novas, pela preparação scientifica, sigilo e realização metódica.

Conceitos diferentes dos de Oliveira Martins, mas a que a obra deste se não opôs, antes por reacção e estímulo, talvez em parte a provocasse.

Por outro lado para Agostinho de Campos, Teófilo Braga foi em magna parte «o pai do nosso nacionalismo actual, prelúdio e penhor de futuras redenções e tendo surgido entre a geração dos negadores, dos pessimistas, dos cosmopo-

litas, dos scépticos e dos irónicos, ingenuamente procurou e afirmativamente encontrou nos livros o grande Portugal que se perdeu nos mares». (*Lusitania*, Junho 1924).

Que o meu querido amigo me perdoie, mas parece-me um pouco exagerado.

Teófilo subordinou ao sentimento obcecado de um nacionalismo sistemático, todo o aparato crítico e erudito da sua História da Literatura. No que trafu a verdadeira imparcialidade e preocupações criticas da sua geração. Todos fazem justiça á feroz independência de Teófilo em relação ás opiniões dos outros; mas a independência mais difficil de alcançar é em relação a si próprio, ás próprias paixões, simpatias, ódios e idéas fixas. Só dominando-as se atinge a objectividade e a imparcialidade criticas, sem as quais não há verdadeira independência, aquella que Ramalho tantas vezes soube fruir e de que nos deixou tão significativos exemplos, até na crítica dos seus próprios amigos.

Disse-se que Eça, Martins, Ramalho e Guerra Junqueiro, sendo lidos por toda a gente com encanto, espalharam mais largamente as suas demolições do presente e do passado nacional.

Donde o labéu de anti-nacionalistas.

Representa esta opinião uma justa concepção das consequências da sua obra?

Corre se risco de cair no mesmo juízo injusto de que Alberto de Oliveira, a seu tempo, tão nobremente se penitenciou, roído de remorsos...

É que a geração de Ramalho não demoliu o que havia de bom e de glorioso na tradição, mas combateu a história retórica e sentimental, sem filosofia com mais preocupações patrióticas do que críticas e a poesia dos Alencares, a eloquência dos conselheiros Acácios, a novela sem verdade, o verbalismo sem idéas.

Foram assim causadores de uma geração de scépticos?

Não. Foram uma geração crítica, demolidora por um lado, criadora por outro, preparando a geração que havia de limar os seus excessos, corrigir os scépticismos menos justificados e até os erros de uma ideologia illusória.

A própria história da arte portuguesa dá-nos um exemplo desta aparente opposição entre a corrente cosmopolita e hipercrítica, representada na geração de Ramalho por Joaquim de Vasconcelos e o nacionalismo da geração seguinte de José de Figueiredo.

A reacção de Joaquim de Vasconcelos, fôra indispensável e salutar, tão fecunda que fundou a Moderna História da arte em Portugal. Que em alguns pontos tenha negado excessivamente? Compreende-se! Na preocupação de não cair nas ingenuidades dos patriotas da gênese

expontânea da arte nacional, Joaquim de Vasconcelos sondou e esmiuçou tôdas as influências estranhas, desconfiou de tôdas as originalidades nacionais, na arquitectura, como na pintura, e num excesso de reacção, que a obstinação dos seus contraditores explica, desconfiou por vezes, de mais. Assim negou a autonomia do manuelino e a da escola portuguesa de pintura, recusando com razão as originalidades que os incompetentes lhe atribuíam, mas não lhe reconhecendo as legítimas, aquelas que a geração educada nos seus próprios princípios críticos, mas livre dos sectarismos da polémica, havia mais tarde de pôr em foco.

Só é maravilha que apesar da influência prestigiosa de J. de V., Ramalho, que tanto o respeitava, tivesse tido a independência de espírito e a fôrça de sentimento, nacionalista, digamos, para visio-nar, sentir e sustentar há quarenta anos, aquilo que a geração seguinte havia de definitivamente provar.

Que admira que a sua geração fôsse pessimista? Qual a não foi? A amargura dos homens nunca julga a sua época senão com pessimismo. Do passado só vêem as qualidades envoltas em legenda, e do seu tempo só sentem os defeitos elevados a uma potência de desilusão. E o pântano com a sua elite de nenufaros! E cada nenufar só vê a água estagnada em volta e olha os seus irmãos como vencidos,

sem sonhar que serão invocados, mais tarde, como a mais gloriosa de tôdas as gerações literárias. Só o tempo decanta a glória e deixa precipitar de vez as mediocridades de uma época.

De facto, o cenáculo de Antero, Eça, Ramalho e Oliveira Martins, e seus companheiros, representa a corrente das ideias europeias nos meados do século XIX, corrente fecunda que se não opôs, volto a insistir, ao nacionalismo dos que eram susceptíveis de o sentir.

Herculano e Garrett, cuja arte fôra concebida na emigração, ao sôpro das influências da literatura inglesa, não deixaram também por isso de ser nacionalistas. Cosmopolitismo e universalismo, são estados de inteligência e de cultura que não se opõem a nacionalismo, atitude particular iluminada pela sensibilidade. Só o isolamento das idéas universais, pode estiolar e restringir a visão do nacional. É já uma banalidade recordar que no particular, como no regional, está sempre um aspecto do universal.

Foi a cultura do renascimento fatal a Camões? Ou foi um dos elementos fecundantes do seu génio?

Não foi o conhecimento e a influência técnica e estética da pintura flamenga (e talvez italiana) uma das bases donde saiu a originalidade de Nuno Gonçalves?

Não foi a obra de Encina que determinou no génio de Gil Vicente as origens do teatro nacional?

E não foi, emfim, a dupla influência da arte do ocidente cristão e das viagens no ocidente muçulmano — no Mogreb — que geraram no génio dos Arrudas o manuelino de Belém e Tomar, na sua forma mais original — e nacional?

E ao considerar assim alguns dos maiores génios da arte e do pensamento português, — Camões, Gil Vicente, Nuno Gonçalves e os Arrudas — não vemos precisamente que foi ao contacto das correntes estranhas, fecundadas pelos acontecimentos nacionais, que elles encontraram a forma original, independente e livre, geradora de um estilo nacional na arquitectura e na pintura, do poema épico da nacionalidade e da fundação do teatro português?

Assim, quando três séculos mais tarde, surge na literatura nacional — momento único — talvez a mais rica geração de escritores da sua história, não lhe lancemos o seu cosmopolitismo como um labéu porque gerou a arte de Antero, de Eça, Ramalho e Oliveira Martins, e não impediu, antes estimulou o nacionalismo da geração seguinte, iniciado por António Nobre e Alberto de Oliveira.

É o momento de recordar aquela carta admirável que, precisamente em resposta à crítica que A. de Oliveira, nas «Palavras Loucas», fizera ao *estrangeirismo* de Ramalho, êste, picado ao vivo, responde:

«Faria quatro ou cinco tomos como esse, se coordenasse e reim-

«primisse tudo o que tenho escripto e publicado como testemunho da minha enternecida commoção aos contactos da minha patria. Não ha monte nem vale nem rio nem ribeiro nem ribeira por esse Portugal todo, que eu não percorresse, por simples namoro, sem nenhum outro fim de interesse ou de curiosidade, á minha custa, em caminho de ferro, em diligencia, embarcado, a cavallo e a pé. Por amor, palmilhei repetidas vezes a serra de Ossa, da Arrabida, de Monchique, subi o Marão e subi a Serra da Estrella. Por amor dormi, ao relento na lezíria do Ribatejo. Por amor, andei a monte na serra das Talhadas e no Rego de Chave, e pernoitei deitado nas mangedoiras dos machos, em Albergaria das Cabras, na Trapa e na Farrapa. Por amor me banhei no Douro, no Minho, no Ave, no Vouga, no Homem, no Cavado, no Mondego, e no Guadiana. Vae surprehendel-o decerto esta nota: não ha feira franca no reino em que não tenha estado este seu criado, o qual n'outo tempo, comprou, vendeu ou trocou bêsta em Famação, Penafiel, e Vizeu. Em moço estava tanto de pé nas estradas, que conheci pessoalmente e comi por varias vezes em estalagens com o João Brandão e o José do Telhado, e por algumas vezes dormi aos pontilhões de Brito na venda do Bento—o Bento de Brito—filho do salteador Pena, que morreu a tiro perto do Porto; e se

ainda está vivo o Bento, em Brito, na antiga estrada de Guimarães, lá terá no seu quarto o meu retrato em daguerreotypo, com dedicatoria, assignada por mim.

Era elle que me dava pousada quando em noites de inverno eu passava a cavallo para Bouços, onde estava minha mulher, e tinha de ficar em Brito por terem crescido os ribeiros e estarem intransitaveis os caminhos. Outros terão viajado tanto no seu paiz por dever de carreira militar, administrativa ou judicial ou por curiosidade de naturalistas ou de archeologos; por méro apego á arte, á poesia do povo, ao bafô maternal da terra, não me consta de ninguem que andasse o que eu tenho andado e continuo a andar graças a Deus.»

Que sobreviverá da obra desta geração?

Talvez a mais ràpidamente parecível seja a de Junqueiro, porque *o homem foi superior à sua obra*. A glória de Junqueiro, tinha como a dos oradores, um gérmen de esquecimento e morte, destinado a murchar desde que com êle se fôsse o prestígio da sua figura adunca, do seu bico e olho de águia, da sua voz sarcástica e da improvisação hiperbólica das suas frases huguescas.

Por isso quási se sobreviveram «Os Simples», ponto de ligação de dois nacionalismos, unindo o lirismo

de Garrett ao neo-garretismo do «Só» e das «Palavras Loucas».

A obra de Ramalho tem uma garantia superior de duração na prosa em que foi escrita e que conta algumas das páginas mais admiráveis da literatura portuguesa: prova clara, colorida, pitoresca, evocativa, plástica, tão rica de expressão verbal, que não sei de outra que a supere.

Para nos curarmos desta doença grave, que está minando a língua, tão pertinazmente denunciada por Ricardo Jorge e Agostinho de Campos, um dos remédios mais salutares é ler Ramalho—**UMA COLHER DE SOPA DAS «FARPAS»**— *antes de escrever.*

REYNALDO DOS SANTOS.

Bibliotecas Municipal e Popular de Bordeus

Relatório de uma visita de estudo apresentado
pelo 2.º Bibliotecário
da Biblioteca Municipal Central de Lisboa,
Dr. Semtob Dreiblatt Sequerra

*Ex.º Senhor Inspector das
Bibliotecas, Museus, e Arquivo
Histórico Municipais de Lisboa.*

Ex.º Senhor:

Tenho a subida honra de apresentar a V. Ex.ª o relatório da minha visita de estudo às Bibliotecas Municipais e Populares Francesas, para que fui autorizado em sessão da Ex.ª Comissão Administrativa do Município de Lisboa.

Dada a uniformidade no regime administrativo dos serviços das Bibliotecas Municipais Francesas, e o pouco tempo e recursos materiais de que dispunha, entendi que mais proveitoso seria, sob todos os pontos de vista, limitar o meu estudo a uma Biblioteca considerada das mais importantes em França, e situada numa cidade que, pela sua proximidade, mais afinidades espirituais

e sentimentais oferecesse com Portugal.

Esta limitação permitiria aprofundar o meu trabalho, o que procurei fazer.

Assim, escolhi a Cidade de Bordeus, cuja Biblioteca ocupa o quarto lugar entre as grandes Bibliotecas Departamentais Francesas.

Parecerá, à primeira vista, que bastariam alguns dias para uma visita de estudo desta natureza.

Não é assim, na realidade, se se pretender fazer um juízo perfeito e completo, para o qual se torna necessário conhecer a vida duma Biblioteca em todos os seus pormenores.

Há pequenos, e contudo essenciais pormenores, que nem a boa vontade e solicitude dos funcionários nos pode fornecer, nem mesmo ao melhor questionário é possível abranger.

Só a freqüência, durante um certo periodo, na qualidade de leitores, permitirá conhecer o bom ou mau funcionamento de determinado serviço bibliotecário.

E' verdade que uma grande parte do público, mesmo nas camadas possuidoras de uma certa cultura, não conhece os numerosos problemas que a organização de uma grande biblioteca suscita e, por isso, não pode avaliar as dificuldades que se deparam dia a dia, aos que trabalham nestes serviços.

Instalações

A Biblioteca Municipal de Bordeus, encontra-se instalada num grande e belo edificio independente, de sóbrias linhas architectónicas.

Embora não construido expressamente para Biblioteca, porquanto foi anteriormente uma casa de religiosas, este edificio, mercê das obras de adaptação feitas, oferece tôdas as condições principais, exigidas pelas regras biblioteconómicas.

Um portão de madeira entalhada dá ingresso a um amplo átrio, em frente ao qual se encontra um grande pátio cheio das mais diversas lápides, constituindo o Museu das Lápides. Com o átrio comunicam, do lado esquerdo, as dependências ocupadas pelo porteiro e sua família.

A' direita, um pequeno vestibulo liga o átrio à magnifica escada de pedra que dá acesso ao primeiro andar.

Num dos patamares desta escada está o busto de Montesquieu, um dos fundadores da Biblioteca.

Ao cimo, um pequeno patamar, artisticamente decorado, liga a um vestibulo que antecede o gabinete do Conservador e uma das salas de trabalho.

Ao lado esquerdo do patamar, uma sala destinada a exposição, e futura sala-catálogo, é ponto de passagem obrigatório para a sala de leitura.

A sala de leitura é grande e desafogada, com área para bastantes leitores. Neste momento dispõe de cinquenta e seis lugares, mas o actual Conservador espera aumentá-los para setenta, antes do fim do ano.

A' entrada, está o recinto destinado aos empregados que atendem o público. As mesas de leitura, dispostas transversalmente, são grandes, e com iluminação privativa. Ao fundo da sala, encontram-se à disposição do público os diferentes catálogos, onde o leitor procura as obras que pretende consultar, indicando depois, na sua requisição, as respectivas cotas.

Porém, o Conservador actual vai transferir o catálogo para a sala que antecede, conforme referiremos mais adiante.

A tôda a volta da sala há estantes com os livros de referência, que o público consulta livremente, sem necessidade de qualquer requisição. Convém notar que os lei-

lores têm sempre o cuidado de, terminada a consulta, collocarem novamente o livro no seu lugar.

É expressamente proibido ler qualquer livro sem que este esteja collocado sobre a mēsa, para evitar assim a queda, tão prejudicial à boa conservação do livro.

O gabinete do Conservador-Director, bastante espaçoso, com janelas para a rua, confortavelmente mobilado, comunica com a sala de teitura, através de um pequeno vestibulo.

Ligada ao gabinete do Conservador está uma das salas de trabalho que tem uma porta para a sala de leitura.

Ao fundo da sala de leitura, um corredor conduz aos armazéns de depósito dos livros.

Ladeando o corredor, encontra-se uma sala e uma galeria, neste momento em obras, destinadas a exposições.

Na sala vão expôr-se os reservados da biblioteca: livros raros, manuscritos iluminados, encadernações, livros ilustrados, estampas, etc.

Estas exposições valorisam imenso as riquezas artisticas da Biblioteca e atraem pessoas que nunca lá iriam, oferecendo um magnifico ensejo para se conhecerem bibliófilos e coleccionadores.

Na galeria serão expostos, durante quinze dias, os livros recentemente entrados. De um lado, as vitrinas com os livros oferecidos, acompanhados de um dístico, indi-

cando o nome do ofertante; doutro, os livros adquiridos por compra.

Os armazéns de depósito de livros são vastísimos e formam um grande quadrilátero, com a altura aproximada de um terceiro andar.

Filas enormes de prateleiras, tōdas em madeira, num total de dezaseis kilómetros, guarnecem as paredes de alto a baixo, e atravessam os armazéns, transversal e longitudinalmente.

Os diferentes corpos de prateleiras, que cortam os armazéns nos dois sentidos, estão distanciados uns dos outros apenas o espaço sufficiente para uma pessoa se movimentar à vontade. As prateleiras têm livros de um lado e doutro.

Para evitar o emprêgo de escadas, tão desaconselhado pelas regras biblioteconómicas, os armazéns estão divididos em vários andares, de altura um pouco superior à de uma pessoa de estatura normal, permitindo, assim, ter todos livros ao alcance da mão,

Separam os diferente andares, estreitas vigas de ferro distanciadas umas das outras alguns centímetros, o que facilita, não só o arejamento das espécies, como também a fiscalização, porquanto, de qualquer dos andares, se pode ver o que se passa nos outros, inferiores ou superiores.

Pequenas escadas de metal, em caracol, e segundo o mesmo sistema do pavimento, ligam, os andares.

Para permitir melhor arejamento e aproveitamento de espaço, as prateleiras não têm portas; estão completamente abertas.

O arejamento dos armazéns de depósitos de livros é feito por grandes janelas que dão, dum lado, para a rua, e doutro para o pátio central, onde está instalado o Museu das Lápides.

Possui a biblioteca, ainda, mais dois gabinetes de trabalho, e uma sala destinada a professores ou a leitores que estejam preparando qualquer trabalho.

Fundo

Conforme já tivemos ocasião de dizer, a Biblioteca Municipal de Bordeus, segundo as últimas estatísticas, ocupa o 4.º lugar entre as grandes bibliotecas departamentais francesas. São-lhe atribuídos duzentos e oitenta mil impressos, embora, dado o estado de desorganização em que se encontram alguns dos seus serviços, seja impossível determinar o seu verdadeiro recheio bibliográfico.

O fundo antigo da biblioteca é constituído pelas bibliotecas conventuais, confiscadas durante a Revolução Francesa, pela antiga Biblioteca da Academia das Ciências de Bordeus, pelas Bibliotecas dos Seminários, em virtude da Lei da Separação das Igrejas do Estado, e pela Biblioteca do Templo Alemão, confiscada em 1914.

Entre as bibliotecas dos seminários, incorporadas em 1907, figura a do grande Seminário, com vinte mil volumes.

Fazendo parte do fundo da biblioteca, existe, ainda, o fundo Delpit, adquirido pela Câmara em 1895, e que contém uma massa enorme de livros e documentos, impressos e manuscritos. Uma parte deste fundo, cerca de um terço, foi, em 1927, transferida para os Arquivos Municipais.

O fundo moderno da Biblioteca deixa um pouco a desejar.

Os livros de referência, ou seja, as obras de carácter geral, como dicionários, enciclopédias, atlas, livros que versam os assuntos na generalidade, e que se encontram na própria sala de leitura, à disposição do público, sem necessidade de requisição, estão antiquadíssimos, portanto quasi sem utilidade para os estudiosos de hoje. Assim, por exemplo, os livros de geografia estão ainda com a antiga divisão política da Europa, e, conseqüentemente, não apresentam os novos Estados constituídos depois da guerra, como a Lituânia, Estónia e Finlândia. O mesmo se dá com os livros de Direito, de tal modo antiquados e referindo-se a leis revogadas e doutrinas hoje postas de lado, que tornam, até certo ponto, prejudicial a sua consulta.

E assim sucessivamente, em relação a outros ramos.

Catálogo

Possui a Biblioteca Municipal de Bordeus, dois catálogos: o onomástico ou de autores, e o de matérias.

Mas, — e isto é muito grave, sob o aspecto técnico — estes catálogos estão divididos em três séries, com ficheiros e alfabetação independentes.

A primeira série, formada só por verbetes onomásticos, em cartolina, compreende as obras que existem na Biblioteca desde o seu início até 1912; a segunda série, constituída por verbetes onomásticos e de matérias, em papel, não se encontra em ficheiros, mas sim encadernada formando livros, e compreende as obras que entraram na Biblioteca de 1912 a 1927; finalmente, a terceira série, composta por verbetes onomásticos e de matérias, em cartolina, de dimensões completamente diferentes da primeira, compreende as obras entradas de 1927 em diante.

Como facilmente se compreende, este sistema de três séries de catálogos constitue um erro gravíssimo para uma biblioteca, porque não só triplica o trabalho da pessoa que deseje consultar o catálogo — defeito já fundamental, — como também pode, facilmente, dar-se o caso de os leitores, não prevenidos deste facto, julgarem não existir na biblioteca determinada obra, que na realidade ali está.

Quanto à catalogação em si, também apresenta grandes deficiências.

Há falta de uniformidade na forma de catalogação, defeito de que, infelizmente, também sofrem muitas bibliotecas entre nós. Misturados com os verbetes feitos por pessoal técnico competente, há os feitos por pessoal sem habilitações e preparação necessárias e, consequentemente, seguindo, por vezes, os mais disparatados critérios, defeitos estes que se acentuam, sobretudo, no catálogo por matérias.

Acresce, ainda, a esse facto, que uma grande parte dos livros não está catalogada, nem sequer, o que é muito pior, inventariada, como sucede, por exemplo, com os vinte mil volumes, provenientes da Biblioteca do Grande Seminário.

Dos dois mil duzentos e vinte seis manuscritos que possui, constam de catálogos impressos mil quinhentos e sessenta e quatro; os restantes seiscentos e sessenta e dois, não estão catalogados.

Dos duzentos e noventa incunábulo, nenhum está catalogado.

Do fundo Delpit, a que já aludimos, foi o catálogo começado outrora por adidos provisórios que deixaram perto de cinco mil verbetes, ainda não ingressados nos catálogos, por estarem, talvez, incapazes de ali figurar.

Mas não se queira ver nos factos que venho apontando qualquer censura aos bibliotecários franceses ou à sua competência.

Em França, como em tóda a parte e em tódas as profissões, há, a par dos bons funcionários, outros que o não são.

Teve, talvez, a Biblioteca de Bordeus, a desdita de não encontrar sempre funcionários como necessitava; no entanto, quando dei-xei Bordeus, já tinha sido nomeado, por acôrdo entre a Municipalidade e o Ministério da Educação Nacional de França, para o cargo de Conservador-Director da Biblioteca Municipal de Bordeus, o Sr. André Masson, antigo aluno da E'cole des Chartres, e diplomado em arqui-vista paleógrafo em 1922.

Dizem-no pessoa muito competente, activa e empreendedora, qualidades estas de que tem dado provas na Direcção da Biblioteca de Hanoi (Indo China Francesa) donde vem transferido.

Tendo voltado a Bordeus, recentemente, para obter novos informes que permitissem dar ao meu relatório a maior imparcialidade, tive ocasião de verificar a grande renovação operada na Biblioteca Municipal de Bordeus, durante os três meses de direcção do actual Conservador.

Em várias passagens dêste relatório, terei ocasião de me referir ao valor da sua acção.

Assim, no que respeita à catalogação, espera o Sr. Masson ter executada, no espaço de um ano, a unificação do catálogo em verbetes dactilografados de formato interna-

cional, em substituição dos três formatos de verbetes que actualmente existem.

Para os novos verbetes, vai adquirir ficheiros novos.

Conta, ainda, nos anos seguintes, proceder à revisão do fundo antigo, e à catalogação e inventário de cêrca de oitenta mil volumes abandonados há numerosos anos.

Compra de livros

Os leitores têm a faculdade de solicitar a compra de qualquer livro que a Biblioteca não possua.

Para êste efeito, basta preencher um impresso, com o nome e morada do requisitante, nome do autor e título da obra que deseja.

Êste pedido, conforme se declara no próprio impresso, é submetido à Comissão de Compras.

Os livros a comprar são escolhidos pelo Conservador, com a aprovação dessa Comissão.

Arrumação de livros

A arrumação dos livros está feita segundo uma classificação metódica na parte do antigo fundo, e por formatos na parte do novo fundo, entrado desde 1912.

Encadernações

Dada a impossibilidade de encadernar todos os livros, seguiu-se o critério de encadernar, de prefe-

rência, aquêles cuja utilização e valor sejam maiores.

Duas oficinas de encadernação, particulares, trabalham para a Biblioteca. Além disso, um dos empregados faz cartonagens para os periódicos, o que, segundo me afirmou o Conservador Director, é um processo muito económico e de bons resultados.

Limpeza das espécies

Todos os dias um empregado se ocupa na limpeza das espécies.

Além disso, uma vez por semana, às Segundas feiras, a Biblioteca não abre na parte da manhã, para se proceder a limpezas, no que os empregados são auxiliados por um serviço exterior, especial.

Quanto à desinfecção dos livros, nada existe.

Horário de leitura

A leitura, na Biblioteca Municipal, tem lugar todos os dias uteis, das nove ao meio dia, e das onze às deztoito, excepto à segunda feira, em que não abre na parte da manhã.

Duas vezes por semana, a Biblioteca, abre à noite, das vinte às vinte e duas.

Leitura

Qualquer pessoa que se apresente decentemente é admitida à leitura gratuita, na Biblioteca Municipal.

Se desejar consultar algum dos livros de referência, que estão nas estantes da sala, não necessita de qualquer requisição. Caso pretenda consultar outra obra, deverá preencher uma requisição, em que escreverá o nome e residência, nome do autor, e título da obra que deseja ler; desejando tornar a consultar a obra noutro dia, escreverá, noutra coluna, a palavra «sim».

Salvo casos de necessidade comprovada, nenhum leitor poderá requisitar mais do que uma obra ao mesmo tempo. Terminada a leitura, deverá entregar a obra num recinto que está à entrada da sala, e onde se encontra o vigilante da leitura. Então, numa coluna da requisição a isso destinada, deverá o funcionário apôr-lhe o carimbo de «entregue».

Só depois o leitor pode requisitar outra obra.

À saída, deve entregar ao vigilante a requisição, com os carimbos que indicam terem sido entregues tôdas as obras requisitadas.

Como já tive ocasião de dizer, o catálogo encontra-se na própria sala de leitura, mas o actual Conservador, reconhecendo os inconvenientes resultantes dêste facto, resolveu, para melhor garantia do silêncio da sala de leitura e comodidade dos leitores, organizar uma sala-catálogo e instalá-la na sala que precede a de leitura, a qual já está sofrendo as modificações necessárias.

Na sala-catálogo, onde serão colocados os modernos ficheiros, estará sempre o bibliotecário que presidir à leitura, e que poderá assim, sem prejuízo para os outros leitores, fornecer tôdas as informações que o leitor desejar.

Na sala de leitura ficará, apenas, o pessoal menor encarregado da vigilância.

Frequência de leitores

Não consegui obter as estatísticas mensais da Biblioteca Municipal; apenas pude saber que, durante o ano de 1984, o movimento de leitores foi de vinte um mil trezentos e dois, que requisitaram trinta e um mil cento e quarenta e dois volumes.

É uma média aproximada de setenta leitores diários, o que não é muito, se atendermos a que, além da Popular, é a única Biblioteca pública de Bordeus.

Gêneros de leitura preferidos

Os livros mais consultados na Biblioteca Municipal, são os que tratam de história, literatura e filosofia.

Também os jornais e revistas são muito lidos.

Empréstimo domiciliário

O empréstimo de livros para a leitura no domicílio, considerado como uma das bases da difusão da

leitura popular, é, na Biblioteca Municipal de Bordeus, muito restrito.

Reservado só a alguns professores ou estudantes, que estejam preparando teses, ou a quem justifique trabalhos pessoais importantes, pode dizer-se que não visa o fim a que se destina.

Porém, o actual Conservador deseja desenvolver o empréstimo domiciliário, e espera, talvez já no próximo orçamento, ter a verba necessária para compra de um fundo que lhe seja especialmente destinado.

Disse-me que em Hanoi (Indo China Francesa), onde dirigia, também, a Biblioteca Municipal, conseguiu, com um fundo de dez mil volumes, emprestar, durante um ano, setenta mil, o que dá a cada volume uma média de sete empréstimos por ano.

Biblioteca popular

Directamente dependente da Biblioteca Municipal, funciona a Biblioteca Popular, numa outra área da cidade, ainda que não muito afastada.

Esta biblioteca destina-se, sobretudo, a operários e estudantes, embora também a freqüentem outros estudiosos.

Dado o seu carácter popular e o público a que se destina, funciona tôdas as noites, incluindo o Domingo, das vinte às vinte e duas horas.

De dia, funciona apenas às Quin-
tas feiras, das catorze às dezoito
horas; e aos Domingos, das dez
às doze, e das catorze às dezoito.

Tem uma sala de leitura e um
depósito de livros.

A sala de leitura possui seis mes-
as, podendo cada uma ser ocupada
por oito leitores. Uma destas mes-
as, a mais próxima do Funcionário
encarregado do serviço, é destinada
às senhoras que preferam lugar se-
parado.

Os pedidos de livros para leitura
são feitos verbalmente; o leitor não
preenche qualquer requisição, nem
precisa declarar a sua morada, pro-
fissão ou, sequer, o nome.

Tem, ainda, a faculdade de po-
der ler, na Popular, qualquer livro
da Municipal, bastando, para isso,
fazer nesta o pedido, durante o
dia.

Na Popular não se faz emprés-
timo de livros.

Como comprovam as estatísticas
o número de leitores é muito
maior nos meses mais frios do
que nos outros, o que se explica
pelo facto das Bibliotecas estarem
providas de *chauffage*. Muitas pes-
soas há que vão ali apenas para
aproveitarem duas horas de agra-
dável aquecimento. Também um
grande contingente de leitores é
fornecido pelos estudantes pobres
que, não podendo adquirir os li-
vros escolares, vão ali estudar,
aproveitando, simultaneamente, o
aquecimento.

Os leitores, na Biblioteca Popu-
lar, estão o mais à vontade possí-
vel, a ponto de alguns lerem de
chapeu na cabeça, sem que isso en-
volva qualquer falta de respeito, ou
importe qualquer censura.

Evidentemente que este à von-
tade de forma alguma pode redun-
dar em prejuízo do silêncio, impres-
cindível numa biblioteca.

Nesta biblioteca nota-se a prefe-
rência dos leitores pelos jornais,
revistas, livros escolares e roman-
ces, sobretudo de aventuras.

Confronto com as Bibliotecas Municipais de Lisboa

Exposto, duma maneira objecti-
va, o resultado das minhas obser-
vações, permita-me V. Ex.^a que
sobre as mesmas teça alguns comen-
tários, aproveitando o ensejo para
estabelecer o confronto com as nos-
sas Bibliotecas Municipais, especia-
lizando a Biblioteca Central.

Entre os grandes problemas que
se suscitam na maioria das Biblio-
tecas de todo o mundo, figuram três,
primaciais: instalações, pessoal e
catalogação.

Instalações

Como se sabe, o problema das
instalações é hoje um dos que mais
preocupam os dirigentes das Biblio-
tecas.

O problema da acomodação das
espécies, devido ao progressivo,

crescente e contínuo aumento do recheio das Bibliotecas, tem sido objecto de grandes estudos sobre a forma de melhor aproveitar os armazéns destinados a depósito de livros.

Recentemente, a Biblioteca Municipal de Paris, para quem o problema do espaço se põe, há já bastantes anos, viu-se forçada a transferir para um novo depósito, construído em Versailles, dezoito mil novecentos e cinquenta caixas de jornais, num total de trinta mil volumes, que ocupavam doze mil e oitocentos metros de prateleiras... Mas que é isso para uma Biblioteca em que, de há setenta anos para cá, entram anualmente cerca de trinta mil volumes e cinco a seis mil periódicos!

Porém, não é só a instalação dos livros que preocupa as Bibliotecas, é também a dos leitores, que constantemente aumentam; assim, na Biblioteca Nacional de Paris, houve, em 1932, um movimento de cento e setenta mil oitocentos e vinte e quatro leitores, que consultaram quinhentos e quarenta e três mil cento e noventa e um volumes, o que corresponde a uma média diária de quinhentos a seiscentos leitores.

Contudo, a Biblioteca Nacional de Bordeus não sente nenhuma destas duas grandes dificuldades, devido à vastidão dos seus armazéns, à forma inteligente como está aproveitado o espaço, ao lento aumento do seu recheio bibliográfico, porque não beneficia do depósito

legal, e à frequência de leitores não ser excessiva.

Outro tanto já não podemos dizer das nossas Bibliotecas Municipais, para não falar nas outras.

Não vou referir-me às Bibliotecas dos bairros porque, dado o seu character absolutamente popular, satisfazem sob muitos pontos de vista, e espero que a infatigável e brilhante acção de V. Ex.^a removerá alguns dos defeitos de que ainda enfermam. Não posso, porém, deixar de me referir à Biblioteca Central. As suas instalações estão muito àquem das de Bordeus, sob esse aspecto!

Acresce, ainda, que, deficientes como são as instalações da Biblioteca Municipal Central de Lisboa, tornam-se também já insuficientes. O constante aumento do seu recheio bibliográfico, levanta grandes dificuldades de espaço para a colocação das espécies.

A acrescentar a isto há a frequência de leitores que, aumentando dia a dia, ameaça invadir as salas de trabalho e depósito de livros.

A sala de leitura infantil, louvável iniciativa de V. Ex.^a, cujos magníficos resultados tanto se têm feito sentir, carece, também, de instalações adequadas.

E já que falo da sala de leitura infantil, quero frisar que em Bordeus não há nada semelhante. O Director da Biblioteca Municipal, quando lhe expuz este nosso serviço, achou interessantíssima e da maior utilidade esta iniciativa, que

tem por fim, atraíndo as crianças à Biblioteca, criar-lhes o gosto pela leitura e desviá-las de maus caminhos.

A propósito, devo dizer que em Bordeus também nada se tem feito sobre Bibliotecas Itinerantes. O Director da Biblioteca Municipal de Bordeus louvou, incondicionalmente, esse outro grande melhoramento que a Cidade de Lisboa ficará, dentro de pouco tempo, devendo, em grande parte, a V. Ex.^a

Outra vantagem das Bibliotecas de Bordeus sobre as nossas, ainda no ponto de vista de instalação, é a do aquecimento central.

Graças a êle, aquelas vêm aumentar consideravelmente, nos meses de inverno, o número dos seus leitores.

Muitas pessoas, cujas posses lhes não permitem ter em casa o necessário aquecimento, vão ali procurá-lo, e assim a Biblioteca, ao oferecer-lhes essa comodidade, contribui, não só para atrair leitores, como para criar nestes o gosto pela leitura.

Pelas razões apontadas, seria de desejar que as Bibliotecas Municipais de Lisboa pudessem instalar aquecimento central. Dos bons resultados que daí poderiam advir tem sido testemunho a experiência feita já êste ano por V. Ex.^a, proporcionando aos leitores um certo aquecimento por meio de fogões a petróleo. O aumento na frequência, apesar da curta duração da experiência, fez-se logo sentir.

Pessoal

O serviço bibliotecário, para ser perfeito, demanda bastante pessoal, e pessoal competente. Infelizmente, porém, não são muitas as Bibliotecas que podem orgulhar-se de possuir o pessoal necessário em número e competência.

A natural tendência que existe para um progressivo aumento do recheio das bibliotecas, devido ao desenvolvimento sempre crescente da produção literária e científica, as justas exigências do leitor em encontrar, do modo mais fácil, os elementos que o habilitem a, sem grande perda de tempo, estar ao facto dos livros, e até mesmo revistas, que sobre determinado assunto precisa consultar, aumentam, consideravelmente, dia a dia, o trabalho nas bibliotecas, sem que, no entanto, a êsse aumento corresponda o pessoal proporcionalmente necessário. Acresce, ainda, que a função do bibliotecário, em face das exigências do público, carece hoje de conhecimentos outrora dispensáveis.

Daqui, a necessidade dos quadros das bibliotecas, que pretendam ter o serviço em ordem, serem aumentados não apenas com mais pessoal, mas com pessoal devidamente preparado.

Infelizmente, não há neste momento em Portugal uma Escola que prepare convenientemente bibliotecários, mas pode obviar-se a êsse inconveniente exigindo, para a en-

trada no funcionalismo das bibliotecas, determinadas habilitações que justifiquem uma cultura geral satisfatória, e um concurso de provas práticas donde se possa inferir as aptidões técnicas do candidato.

A' Biblioteca Municipal de Bordeus, embora tenha mais pessoal efectivo do que a nossa, e um grande número de estagiários que durante oito meses são obrigados a prestar serviços gratuitamente nas bibliotecas antes de serem admitidos, queixa-se de falta de pessoal.

Que diremos da nossa Biblioteca Central, onde apenas três bibliotecários, um dos quais actualmente desempenhando as funções de Director, e dois escriturários, têm de atender a todos os serviços, não só da nossa biblioteca, como das outras três bibliotecas existentes em diferentes bairros da cidade, das bibliotecas itinerantes, e doutras que se projectam abrir?

Só o depósito legal dava serviço para mais pessoal.

Catálogo

Quanto à catalogação, podemos afirmar que é muito deficiente na Biblioteca de Bordeus.

A-pezar de no nosso catálogo existirem, também, erros antigos, ainda não corrigidos por absoluta falta de tempo e de pessoal, na Bibliotheca de Bordeus, como na grande Biblioteca Nacional de Paris, há-os em muito maior escala, e mais graves.

Além do erro fundamental da divisão do catálogo em três séries distintas, a que já me referi, ainda vou apontar outro.

A' elaboração do catálogo onomástico ou de autores não preside o rigôr usado por nós para que o catálogo satisfaça as diferentes exigências dos leitores.

O catálogo didascálico ou de títulos, que tanta vez nos tem sido de grande utilidade, dada a frequência com que os leitores requisitam as obras enunciando apenas o título sem indicar o nome do autor, não existe na Biblioteca de Bordeus.

O catálogo de matérias, que corresponde, apòximadamente, ao nosso catálogo ideográfico, não é feito com a minúcia nem o rigor que púnhamos na elaboração do nosso, agora infelizmente suspenso por, devido à grande falta de pessoal, sermos solicitados para outros serviços de necessidade mais instantane.

Lamentamos bastante este facto, que priva os leitores da Bibliotheca de um indispensável instrumento de trabalho. Fazemos votos para que as circunstâncias em breve permitam reatar este tão fundamental serviço.

Ainda a propósito da catalogação, devo dizer que a iniciativa do actual Conservador-Director da Bibliotheca de Bordeus, de unificar os verbetes segundo o formato internacional, em fichas de cartolina

escritas à máquina, só me merece louvores.

Gostaria de ver adoptado nas nossas Bibliotecas o verbete de formato internacional, dactilografado.

Compra de livros

Acho interessante e aconselhável a existência de um boletim especial para os leitores requisitarem à Biblioteca a compra de determinado livro que ali não haja.

É certo que nas nossas Bibliotecas já se toma nota dos livros requisitados e que elas não possuem, para se comprarem quando possível. No entanto, parece-me mais interessante a idéa de entregar ao leitor a responsabilidade de aconselhar a compra de determinada obra.

É uma maneira muito simpática de interessar o leitor pela vida da Biblioteca.

Encadernações

As encadernações de livros, jornais e revistas têm, também, devido à valiosa interferência de V. Ex.^a, tomado, ultimamente, um apreciável incremento.

O sistema de cartonar as publicações periódicas, como se faz na Biblioteca de Bordeus, é muito de seguir pela economia que daí resulta. Evidentemente que este sistema só convém em relação às publicações de consulta rara.

Limpeza das espécies

O sistema de limpeza de livros adoptado na Biblioteca Municipal de Bordeus é muito aconselhável, porque com um empregado escalado diariamente só para a limpeza dos livros e o encerramento da Biblioteca na parte da manhã de segunda feira, para todos os empregados, auxiliados por um serviço externo, procederem à limpeza das espécies, evita-se que os livros sofram muito a acção do pó, sempre tão prejudicial.

Leitura dominical

A leitura dominical, que tão concorrida é na Biblioteca Popular de Bordeus, não posso prever quâis os resultados que a sua adopção daria entre nós.

Gêneros de leitura preferidos

Como tive ocasião de relatar, os gêneros de leitura preferidos na Biblioteca de Bordeus, são, aproximadamente, os mesmos que entre nós.

O papel primacial que o romance, sobretudo o de aventuras, tem na preferência dos leitores é tal, que a grande produção francesa de obras d'êstes género não chega, muitas vezes, para satisfazer a avidez dos leitores assíduos.

E julgar-se que só o nosso público tem essas preferências!

Empréstimo domiciliário

O empréstimo domiciliário, muito pouco desenvolvido, por enquanto, em Bordeus, é um poderosíssimo auxiliar do objectivo das Bibliotecas Populares: espalhar o gosto pela leitura.

A idéa do Sr. Masson, de criar um fundo especial para empréstimo ao domicilio, é deveras interessante, e faço votos para que V. Ex.^a em breve a possa pôr em prática nas nossas Bibliotecas.

*
* *
*

Antes de terminar, quero prestar público agradecimento a duas pes-

sôas que, com os seus informes, muito me auxiliaram na elaboração deste relatório: o sr. Cardoso de Bettencourt, incansável e distinto investigador da acção dos portugueses no estrangeiro, estudos a que tem dedicado uma grande parte da sua vida, e o Sr. André Masson, distinto Conservador da Biblioteca Municipal de Bordeus.

Á Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, agradeço o ter-me autorizado esta visita de estudo.

A V. Ex.^a, quero também, mais uma vez, manifestar a minha sincera admiração e profundo reconhecimento.

SETOB DREIBLATT SEQUERRA.

SUMÁRIO

TEXTO:

O PRECIOSO ARREIO, FEITO EM GÔA NO SÉCULO XVI, PARA D. SEBASTIÃO, Artur da Motta Alves — RAMALHO ORTIGÃO, (CONFERÊNCIA PROFERIDA EM 8 DE AGOSTO DE 1935, PELO ILUSTRE CRÍTICO DE ARTE, Ex.^{mo} SR. DR. REINALDO DOS SANTOS, NA CERIMÓNIA DO DESCERRAMENTO DA LÁPIDA QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA APOZ NO PRÉDIO EM QUE VIVEU E MORREU RAMALHO ORTIGÃO, À RUA DOS CAETANOS), Dr. Reinaldo dos Santos — BIBLIOTECAS MUNICIPAL E POPULAR DE BORDEUS (RELATÓRIO DE UMA VISITA DE ESTUDO APRESENTADO PELO 2.º BIBLIOTECÁRIO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL DE LISBOA, DR. SEMTOB DREIBLATT SEQUERRA), Dr. SemtoB Dreiblatt Sequerra.

GRAVURAS:

PRIMEIRA PÁGINA DA CARTA ESCRITA DA ÍNDIA, COM A DESCRIÇÃO DO ARREIO LÁ FEITO, PARA D. SEBASTIÃO, EXISTENTE NA SECÇÃO DE MANUSCRITOS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, NUM CÓDICE CATALOGADO I-14-2-30, A FL. 64 A 66 (Reprodução fotográfica do Dr. Artur da Motta Alves) — ÚLTIMA FÓLHA DA CARTA (Reprodução fotográfica, do Dr. Artur da Motta Alves).

Capa (Anverso): — TRECHO DE PAINEL DE AZULEJO REPRODUZINDO A ILUMINURA DO REGIMENTO DE D. MANUEL AOS VEREADORES E OFICIAIS DA CÂMARA DE LISBOA (1502) — *Fábrica Constância* — *Cartão do prof. Leopoldo Battistini* — *Ornatos de Viriato Silva* — *Fotografia do Ex.^{mo} Sr. Comandante António José Martins.*

Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

Ano I — (N.º 1 e 2 — 182 pags.)

De Junho a Dezembro de 1931 — **Esc. 10\$00**

Ano II — N.º 3 e 4 — (97 pags.)

De Janeiro a Junho de 1932 — **Esc. 10\$00**

Ano II — (N.º 5 — 25 pags.)

De Julho a Setembro de 1932 — **Esc. 7\$00**

Ano II — (N.º 6 — 48 pags.)

De Outubro a Dezembro de 1932 — **Esc. 7\$00**

Ano III — (N.º 7 a 10 — 76 pags.)

De Janeiro a Dezembro de 1933 — **Esc. 25\$00**

Ano IV — (N.º 11 — 36 pags.)

De Janeiro a Março de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano IV — (N.º 12 — 32 pags.)

De Abril a Junho de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano IV — (N.º 13 — 37 pags.)

De Julho a Setembro de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano IV — (N.º 14 — 78 pags.)

De Outubro a Dezembro de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano V — (N.º 15 — 29 pags.)

De Janeiro a Março de 1935 — **Esc. 7\$00**

Ano V — (N.º 16 — 38 pags.)

De Abril a Junho de 1935 — **Esc. 7\$00**

Ano V — (N.º 17 — 34 pags.)

De Julho a Setembro de 1935 — **Esc. 7\$00**

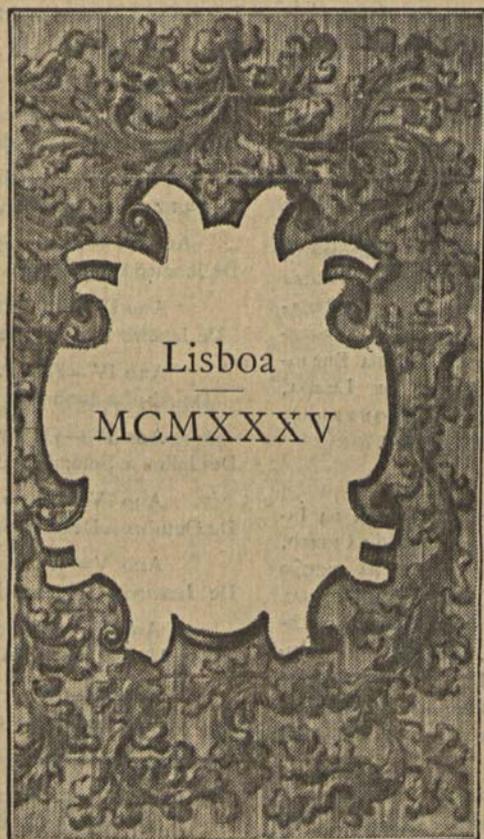
Por assinatura:

Prêço de cada número — **Esc. 7\$00**

Um ano — **Esc. 25\$00**

SOUSA MARTINS — *In Memoriam* — **Esc. 40\$00**

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS:
Livraria Rodrigues & C.
RUA DO OURO, 188 — LISBOA



Lisboa

MCMXXXV